

No nível do vocábulo, *é* se identifica como 3.^a pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *ser*, que difere de todas as demais do mesmo verbo: *és*, que é a 2.^a pessoa do singular do mesmo tempo; *era*, *foi*, *será*, etc., 3.^a pessoa de outros tempos; etc.

Já no nível da frase é a entoação que lhe dará vida como unidade de comunicação. Veja-se este trecho do livro *O Coruja*, de Aluísio Azevedo (p. 149):

“— Ele é seu parente?
— Não.
— Tutor, talvez...
— E.”

Se esse “— E.”, no contexto, representa uma frase (e, desfeitas as elípses, uma oração, equivalente a “— Sim, ele é o meu tutor.”), isso se deve à entoação com que se profere.

12. A frase pode apresentar-se sob as mais variadas formas, desde simples enunciados monossilábicos, como “— Não.” e “— E.” do diálogo acima reproduzido, aos mais complexos:

“Quem o feio ama, bonito lhe parece.”; “Pra quem diz ‘Já!’ e não ‘Depois’, um dia vale dois.” (Leonardo Mota, *Adagiário Brasileiro*.)

13. O tipo mais comum de frase é a ORAÇÃO, sintagma formado de SUJEITO e PREDICADO (V. § 1.), e como tal estruturada em torno de um verbo; o verbo, explícito ou não, é a característica do predicado, indispensável à existência da oração:

“A água corre para o mar.”; “A água silenciosa é a mais perigosa.” (Leon. Mota, *Adagiário*...)

Em certos tipos de oração o sujeito se reduz a zero, mas o predicado (e portanto o verbo) não pode faltar:

“Choveu muito.”; “*Houve* protestos.” (Estas duas orações não têm sujeito. V. § 30.)

14. Nem todas as frases constituem orações: aquelas com que se exprimem sentimentos (e não pensamentos) vêm muitas vezes fortemente carregadas de emoção, e não se cons-troem em torno de um verbo. Elas não se bipartem em sujeito e predicado, e nelas nem sequer se pode identificar um predicado. Isso acontece, sobretudo:

a) nas exclamações (em que deixamos transparecer quase tudo quanto nos vai no íntimo); às vezes se reduzem a simples interjeições: “— Que magada!”; “— O quê?!”; “— Fogo!”; “— Hum...!”;

b) nas indicações: “Elettricista” (tabuleta no alto de uma porta); “Silêncio” (inscrição na parede de um corredor de hospital);

c) em certas descrições: “Alta noite, lua quieta, muros frios, praia rasa.” (C. Meireles, *AP*, 27.)

A frase não-oracional, por não ter estrutura linguística elaborada, não se presta a análise sintática; só a frase-oração, pela sua estruturação, admite análise sintática completa. Compare-se a frase “Fogo!”, inanalizável, com a oração “A loja está incendiando-se.”

15. PERÍODO é o enunciado, de sentido pleno, constituído de uma ou mais orações, e terminado por uma pausa bem definida, marcada na escrita por:

a) ponto: “Devagar se vai ao longe.” “Quem semeia colhe.”;

b) ponto-de-exclamação: “E como é branca de graca / A paisagem que não sei, / Vista de trás da vidraça / Do lar que nunca terei!” (Fernando Pessoa, *OP*, 79.);

c) ponto-de-interrogação: “Do teu moreno / Encanto hoje que resta?” (M. Bandeira, *ET*, “Sonho branco.”);

d) reticências: “Choraste em meus braços...” (Id., *ibid.*, “Mascarada.”);

e) dois-pontos: “Não te afastes de mim, temendo a minha sanha / E o meu veneno... . Escuta a minha triste his-